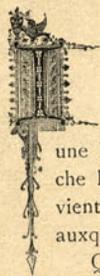
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 36 | Domingo 3 de setembro | 1893

FRANCISCO BEIRÃO

«Il est calme, maitre de sa parole et de sa pensée; ne disant jamais que ce qu'il veut et avec une forme remarquable; comme une lame d'acier, sa parole nette et froide tranche les questions les plus embrouillées, et convient merveilleusement aux affaires considerables auxquelles il prète son appui.»

Quantos têm ouvido Francisco Beirão no tribunal ou na cadeira de professor, nas Academias ou nas Camaras seguramente concordam na justa applicação que lhe fazemos d'estas palavras.

Acabando de as ler quando recebiamos o pedido, grato ainda que difficil, de traçar umas linhas para este logar da *Semana de Lisboa*, pareceu-nos entrar precisamente no assumpto trazendo para aqui o que Leymarie escreve de Waldeck-Rousseau na recente publicação — *Les Avocats d'aujourd'hui* — e fazendo notar o parallelo entre estas duas illustrações do foro em Portugal e França.

E foi realmente grande a similhança que encontrámos entre W.-Rousseau e F. Beirão.

Ambos passaram da banca de advogado para as luctas da politica, das camaras legislativas para a cadeira de ministro, occupando-se de preferencia de trabalhos referentes á *Organisação judiciaria* e da reforma de *legislação commercial* e *penal*.

De Waldeck-Rousseau faz-se notar alli que para se dedicar ao foro como distincto advogado tinha *de qui tenir*, como tem Francisco Beirão para eminente professor a memoria de seu pae e para notavel advogado o modelo felizmente vivo de seu tio e companheiro d'escriptorio, o respeitavel e respeitado *bâtonier* da classe, Manuel Maria Beirão.

Conhecendo Waldeck-Rousseau apenas por alguns de seus escriptos e pelas informações do livro que indicamos, temos de parar aqui este confronto não podendo pôr em parallelo senão os dois advogados, parlamentares e ministros, ficando ainda os merecimentos de Francisco Beirão como funccionario e academico sem terem confronto, como difficil seria de o encontrar para o seu elevado caracter, em que a uma hombridade inexcedivel reune tanta bondade e superior distincção, que fazem d'elle um dos homens mais notaveis da nossa sociedade.

* * *

Francisco Antonio da Veiga Beirão nasceu em Lisboa a 24 de julho de 1841, e matriculando-se na faculdade de direito na Universidade de Coimbra em outubro de 1857 concluiu a formatura em maio de 1862, começando logo a advogar.

Só dez annos depois o conhecemos, vendo-o pela primeira vez na Associação dos Advogados, em uma das instructivas e conhecidas conferencias das quartas feiras, que então começávamos a frequentar. Prendeu logo a nossa attenção a sua insinuante expressão e a *figura*, que não ha muito um estimado jornalista dizia com razão ser «uma das mais sympathicas da tribuna portugueza.»

«Alto, magro, pallido — continua o mesmo escriptor—olhos profundos, nariz pronunciado, bigode farto,

a sua cabeça e todo o seu typo fazem lembrar a figura do nosso illustre romancista Eça de Queiroz. De ordinario a sua physionomia é um quasi nada velada de tristeza; mas quando o orador se ergue para fallar, então illumina-se com outra luz mais viva que lhe alegra todo o rosto.»

Foi esta sua figura e expressão significativa que logo á primeira vista nos fez perguntar quem era, ligando-o pela resposta ao nome de Francisco Beirão já bem conhecido como advogado conceituado e jurisconsulto muito sabedor e especialista em assumptos tanto de direito hypothecario como de direito criminal e homem publico, que em distincto concurso conquistara a primeira nomeação de conservador de registo predial, e que como politico desde 1868 ficara notado entre a gente nova de verdadeiro merecimento que acompanhava o Bispo de Vizeu na tentativa tão elevada e patriotica de regenerar a nação pela severa practica da *economia e moralidade*.

Ficámos desde então—1872—conhecidos e a breve trecho amigos de Francisco Beirão, tendo tido o prazer de vêr como pela força da sua grande capacidade e incessante trabalho, honesto e serio, tem ido sempre subindo até chegar por concurso a uma cadeira de ensino de direito no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e aos conselhos da Corôa, justificando como professor e estadista os creditos com que viera da Universidade, mantendo-se e elevando-se constantemente na situação, que já occupava, de muito habil advogado e não menos distincto orador parlamentar.

*
* *

O *Codigo Commercial* vigente, a revisão feita ao *Codigo Penal*, os projectos de *Organisação judicial* e de *Detenção de menores*, entre outros tambem de indiscutivel valor, são obras de reformador. Só elle o pode modestamente esquecer.

O estudo *A Letra de Cambio em direito internacional*, as suas *allegações juridicas*, e *memorias forenses*, além dos seus escriptos dispersos em periodicos, d'entre os quaes se destacam os de uma assidua collaboração na *Gazeta da Associação dos Advogados de Lisboa* e ultimamente no *Commercio do Porto*, não deixam duvida de ser F. Beirão tambem esclarecido jurisconsulto practico.

Como advogado tem invariavelmente revelado possuir todas as qualidades de sciencia e consciencia, que similhante profissão exige. Conhecimentos e lealdade, não ha collega que lh'os desconheça; convicção na justiça que defende e dedicação, todos os juizes lh'as reconhecem; bom conselho e desinteresse, nenhum cliente lh'os póde negar. Testimunhas são estas de qualidade e de quem melhor póde apreciar taes virtudes profissionaes. Nem o proprio S. Thomas exigiria mais predicados.

Uma falta lhe notamos e que elle não reconhece ou pelo menos não confessa, o que nos admira attenta a sua modestia. Tem pessima caligraphia: peor que a nossa, o que ha de parecer difficil para quem só a nossa tenha lido.

No album de diversos typos de letra em *fac-simile* de pessoas notaveis que acompanha uma curiosa monographia sobre a *arte* de apreciar o caracter dos homens pela fórma porque escrevem, só a letra de Pascal se lhe assimelha e ainda assim é melhor.

Mas console-se Francisco Beirão por que o auctor observa que se a letra é quasi illegivel e escripta com a maior rapidez, isso não indica impaciencia por querer chegar ao fim, mas vivacidade d'um espirito mais veloz que a penna, notando como é profundo e original.

*
* *

Os trabalhos de F. Beirão como academico não são inferiores aos do jurisconsulto. Hajam vista os discursos de abertura da Associação dos Advogados de Lisboa e de elogio dos socios Affonso Mexia, Calça e Pina e Antonio Maria Holtreman, bem como o seu ultimo relatorio de secretario, em que, como fizera Franco de Castro, continua as elegantes e conceituosas chronicas de Silva Abranches e do bondoso e sempre lembrado Paulo Midosi.

Estes precedentes são seguro penhor do que continuarão a ser as manifestações do brilhante talento do primeiro secretario da Associação dos Advogados e do que elle produzirá para a Academia Real das Sciencias, da qual tambem foi ha pouco eleito socio.

*
* *

Não é só na imprensa juridica ou sobre direito, que Francisco Beirão tem escripto, sendo sabido que já tem tido a seu cargo a direcção politica dos orgãos do seu partido, conservando-os a grande altura. Quem folhear os volumes do antigo *Progresso*, entre outros jornaes politicos, encontrará, em epochas diversas artigos de doutrina e de polemica devidos á penna de Beirão e que são modelo no genero. Dizer vernaculo e elegante, exposição correcta e conforme com os bons principios do seu partido, sem desdizer do programma liberal e acentuadamente democratico, que ainda é uma das suas forças, tudo se encontra nos artigos de F. Beirão, e sempre com a distincta *maneira* e delicadeza para com os adversarios, que sabe manter, em todos os actos da sua vida e em todas as fórmas e logares de discussão.

Por essa maneira realça mais o vigor da argumentação e a solidez das doutrinas que defende.

* * *

Fallando de F. Beirão como advogado, conservador de registo predial, professor, deputado e ministro, apreciámos o valor e merecimento do homem publico.

Da sua vida particular não pode deixar de formar-se o melhor juizo, mas só pode bem avaliar-lh'a quem de perto a acompanhe.

Filho do *medico Beirão*, que todos conheceram, discipulo do venerando decano dos advogados, de quem já fallámos, e que ao mesmo tempo é modelo de isenção profissional e de escrupulosa observancia de todos os deveres, não podia deixar de tomar as licções do mestre e de seguir os exemplos paternos, sempre presentes á sua memoria de optimo filho e fortalecidos e recordados pela constante pratica de virtudes domesticas por sua estremecida mãe, bondosa senhora, que todos respeitam e que o filho adora.

Se coubesse nos estreitos limites d'estas linhas traçar a vida particular de F. Beirão e podessemos contar o que elle é em casa com os seus e no convivio intimo dos amigos, muito ganharia esta breve noticia.

Facilmente supprirão a lacuna, os que conhecem os *sabbados* da rua Formosa e as *tardes d'outumno* na aprazivel vivenda de Paço d'Arcos. O amor de familia, a austeridade de costumes, a sincera bondade para com todos, que ha n'aquellas reuniões, explicam grande parte dos apreciaveis dotes que fizeram de Francisco Beirão o distincto advogado, o zeloso funccionario, o honestissimo caracter que para a vida publica trouxe facilmente tão elevadas qualidades por ter o exemplo dos seus e a educação, que d'elles recebeu.

Quem sae aos seus não degenera.

VICENTE MONTEIRO.

No proximo numero, medalhão da Sr.ª Condessa de Mossamedes. Artigo de Carlos Lobo d'Avila.

POLITICA SEM POLITICA

Ha quatro dias, entrando o sr. presidente do conselho na secretaria do ministerio dos negocios estrangeiros, foi-lhe entregue uma carta em sobrescripto fechado, lacrado e chancellado.

S. Ex.ª abriu, leu e córou! Fez-se vermelho como uma pudibunda e *belle rosière*, que recebesse uma carta insolente e lasciva de qualquer *piou piou*. Em seguida, repelliu a carta, declarando com solemnidade e rancôr que a não acceitava por ser concebida em termos improprios.

O documento que S. Ex.ª repelliu era a representação da Associação Commercial de Lisboa, protestando contra a lei que manda sellar os livros da escripturação mercantil, já depois de escriptos. A Associação Commercial protestava, com o direito que assiste a todo o cidadão que reputa vexatorias quaesquer medidas do governo. Como queria então S. Ex.ª que a Associação Commercial redigisse a sua representação? Consultando previamente o *Secretario dos amantes*? Participando que, em presença da lei attentatoria, ia celebrar um *Te-Deum* em acção de graças? Convidando o sr. presidente do conselho para par n'uma quadrilha? Offerecendo-lhe um jantar campestre na barraca da Amelia Pincha, em Belem? Enviando-lhe um ramo de malmequeres presos com uma fitinha de seda côr de rosa?

Francamente, protestar de qualquer d'esses modos seria o mesmo que provocar um adversario, e, em vez de o aggredir com murros, acaricial-o com beijos.

A Associação Commercial representou em termos proprios, energicos, severos e firmes. Não procurou periphrases nem rodeios, e disse clara, peremptoria e cathegoricamente de sua justiça.

O nobre presidente do conselho, porem, insurgiu-se contra os termos da representação, quando, na verdade, ella é redigida n'uma forma elevada e digna, e sem a banal, balofa, sediça e ôca rhetorica dos famosos telegrammas, que S. Ex.ª, ha oito dias, firme, de pé e de farda, na praia de Carcavellos, expediu para os Açores, annunciando heroicamente que... estava dando *cabo* de Portugal.

Interino.

CHRONICA ELEGANTE

Le roi est mort, vive le roi! Acabou a epocha de Cintra, viva Cascaes!

Aquella vaga tristeza, que o aspecto de uma montanha exhuberante de verdura produz nos espiritos propensos para a melancholia, despertando n'elles o desejo da solidão e do recolhimento, desapparece sempre, e como por encanto, nas pessoas que de Cintra se transportam para Cascaes. Parece que se deixa a austera e taciturna companhia de um monge para se dar o braço a um alegre e endiabrado Pierrot.

Compare-se uma tarde de Cintra, quando o nevoeiro envolve a serra e por entre a ramaria escura e espessa dos

castanheiros perpassa o vento humido e frio, produzindo um som maguado e plangente como a lamentação d'um condemnado; compare-se essa paisagem com o aspecto de uma alegre e fresca manhã de Cascaes, com o céo alto e azul, o mar batido de sol a espreguiçar-se docemente no areial dourado da praia! É como se desviassemos os olhos tristes d'um painel sombrio de Ribera, em que se vêem martyres nas contorsões da agonia, para um lindo quadro de Watteau, cheio de luz e de vida, com pastoras engrinaldadas de flores silvestres, dansando sobre a relva, ao som alegre d'um pifano; ou ainda como se, depois de termos assistido, n'uma egreja, a um responso funebre entoado a canto-chão por cinco padres fanhosos, ouvissemos, n'um salão de baile, uma valsa delirante de Gungl tocada com *entrain* por uma orchestra hungara de tziganos! O contraste é frisante!

E é por isso que as pessoas de natureza debil, que se aventuram a permanecer em Cintra por muito tempo, sobretudo fazendo um uso immoderado da saborosa agua da Sabuga, chegam a perder a côr, a frescura, a alegria, a tornar-se melancholicas e tristonhas, exigindo muito bismutho para o estomago e algum Lamartine para a alma! De Cascaes toda a gente parte mais robusta, mais gorda, com a pelle mais forte, como se fosse envernizada de saude, disposta para resistir ao frio e á chuva do inverno que se aproxima. Abandona-se um pouco o Lamartine, e, em vez do bismutho, exigem-se ostras, que são sempre excellentes nos mezes que teem *r*, comidas com boa manteiga fresca, e bem regadas de bom vinho branco.

E depois, por mais cedo que uma pessoa se levante, basta dirigir-se á beira-mar para encontrar gente e assistir ao espectaculo do banho. Não se vêem as banhistas elegantes n'aquella primitiva simplicidade de *toilette* em que as filhas de Nereu appareceram a *Adamastor;* mas não deixa de ser interessante a variedade dos trages curtos, debruados de côres garridas e a côr jaspeada e mimosa de alguns tornozellos delicados, que surgem, como a medo, entre o fôlho franzido da calça e o atacador *assorti* do sapatinho branco de lôna!

Além de outras vantagens sobre Cintra, tem Cascaes, não um, mas dois *clubs*. E sabem o que é um *club?* Dil-o a espirituosa Madame de Girardin nas encantadoras chronicas que assignou com o titulo de *Vicomte de Launay:*

«Os *clubs* são os templos hospitaleiros abertos aos enfermos, aos afflictos de todas as sociedades, ás quaes a sua presença causava tristeza; os *clubs* são os hospicios dos importunos, acolhem todos os que cá fóra são repellidos, attraem todos aquelles que se evitam: os maridos de mau humor, os jogadores de má nota, as pessoas que não ouvem bem, as que falam mal, as que não comprehendem nada; todos os homens que teem uma desillusão a dissimular, os que de manhã receberam uma má noticia, os que se encontraram com um crédor, os defluxos recentes, as nevralgias obstinadas; emfim, todos os tedios, todos os soffrimentos, humilhações, inquietações, enfermidades que tornam algumas vezes massadores uns, sempre massadores outros, etc., etc.

Outr'ora os momentos de mau humor manifestavam-se em familia, e duplicava-se o tedio, fazendo participar d'elle os outros; quando se viam a esposa, a irmã, a mãe inquietas com os nossos tormentos, ligava-se a esses tormentos maior importancia; ninguem ousava distrahir-se logo, com receio de ser tido por leviano; mas agora está-se aborrecido, doente, insupportavel, vae-se ao *club*... Vivam, pois, os *clubs!*»

Que o digam as mulheres que teem um marido impertinente, os maridos que teem uma mulher caprichosa, o respeitavel pae de familia que tem um *bebé* recem-nascido, disposto a entoar todo o dia, no collo da ama, a maviosa aria da choradeira, limitada a duas simples notas de soprano agudo, uma em *um'* e outra em *ah!*... São todos esses os que verdadeiramente apreciam a existencia d'um *club*, e ainda os namorados perseguidos pelas iras maternas, e que encontram n'uma volta de quadrilha ou na marca do *cotillon* o ensejo azado de poder apertar furtivamente os dedos da mulher amada!

FOLHETIM

O BEGUINO

Havia no tom com que foi proferida esta unica palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas, no meio da brandura da voz de Leonor Telles, havia tambem uma corda aspera; alguma cousa do rugir do tigre.

El-rei deu um estremeção, como se pelos membros lhe houvera coado uma faisca electrica; ergueu-se, e atirou-se a chorar aos braços de Leonor Telles.

«Ámanhã — disse elle com voz affogada — o rei mais deshonrado da christandade serei eu: o cavalleiro mais vil das Hespanhas será D. Fernando de Portugal. Que me resta? Só o teu amor; mais nada. Porque não me pedem antes a corôa real, que para mim tem sido corôa de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh Leonor, Leonor! serias a mulher mais perversa, se um dia me atraiçoasses.»

Um beijo da adultera cortou as lastimas d'el-rei. A formosura d'esta mulher tinha um toque divino á claridade da lua. D. Fernando, embriagado d'amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por elle.

«Fernando! — proseguiu D. Leonor — jura-me ainda uma vez que serás sempre meu, como eu serei sempre tua.»

Dizendo isto, affastou o brandamente de si.

«Juro-t'o uma e mil vezes pela fé de leal cavalleiro que até hoje fui. Juro-t'o pelo ceu que nos cobre. Juro-t'o pelos ossos de meu nobre e valente avô, que alli dorme juncto do altar-mór da sé, debaixo das bandeiras infieis que conquistou no Salado. Juro-t'o por mais que tudo isso: juro-t'o pelo meu amor!»

«Bem está, rei de Portugal! — atalhou D. Leonor. — Agora só uma cousa me resta para te pedir. Não é favor; é justiça.»

«Não me peças Lisboa, que essa sabe Deus se tornará a ser minha, rica, povoada e feliz, como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça n'estes paços de meus antepassados, passando por cima das ruinas d'ella! Não me peças Lisboa, que talvez ámanhã deixe de me chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quizeres.»

«Quero que me dês as minhas arrhas: quero o preço de meu corpo, conforme foro de Hespanha.»

«Villa-viçosa é alegre como um horto de flores, e Villa-viçosa dar-t'a-hei eu. O castello d'Obidos é forte e roqueiro, são numerosos e prestes para a defesa os seus engenhos, e o castello d'Obidos será teu. Cintra pendura-se pela montanha entre lençoes d'aguas vivas, e respira o cheiro das hervas e flores que crescem á sombra das penedias: pódes ter por tua a Cintra. Alemquer é rica no meio das suas vinhas e pomares, e Alemquer te chamará senhora.»

«Guarda as tuas villas, D. Fernando, que eu não t'as peço em dote: quero, apenas, uma promessa de cousa de bem pouca valia.»

Tudo isto offerece Cascaes, sem contar o effeito salutar dos banhos de mar, banhos que, á força de sal, devem positivamente influir para que, chegando ali um insupportavel semsaborão, esse semsabarão sae d'ali com algum supportavel... *salero!*

GRAZIEL.

BOURGET E O CHIRSTIANISMO

O notavel romancista francez, depois de uma viagem á Terra Santa, acaba de desembarcar em New-York.

Apenas poz o pé em terra, foi logo assaltado pelos *reporters* dos jornaes. O do *New-York Herald*, emquanto Bourget mostrava as suas malas na alfandega, fez-lhe esta pergunta á queima-roupa:

— Sois christão?

Não respondeu Bourget com a singeleza laconica inscripta na Cartilha do Padre Ignacio, que aconselha esta replica:

— Sim, pela graça de Deus.

A sua resposta foi mais longa, e concebida nos seguintes termos:

«Sou christão. Considero o christianismo como M. Pasteur considera o liquido que injecta aos doentes mordidos por cães damnados. Não é elle capaz de curar a raiva, assim como eu não sou capaz de curar o mal que existe na sociedade. A experiencia, porém, mostrou-lhe que aquellas injecções protegem, n'uma certa medida, contra a morte horrivel que, sem ellas, deve sobrevir. E' por esse motivo que elle crê nas suas injecções sem comprehender as causas da sua acção. Acabei por averiguar que os homens e as mulheres que seguem os preceitos da Egreja estão, n'uma grande proporção, ao abrigo das desordens moraes que descrevi nos meus romances, que Feuillet, Tolstoi e tantos outros revellaram nas suas obras e que são quasi inevitaveis quando os homens se deixam arrebatar pelos sentidos, pelas paixões e pelas fraquezas. Durante muitos annos, como succede á maior parte da gente môça das cidades modernas, não tive crenças; mas fui levado ás minhas ideias actuaes pelo sentimento sempre crescente da responsabilidade em que se incorre quando se exerce uma influencia qualquer nos outros. Comprehendi que a vida do homem que diz: «Nada sei, e, como nada sei, faço o que me apraz» é simultaneamente vasia e cheia de desillusões; comprehendi que fallando assim se exerce uma influencia detestavel na vida dos outros, principalmente na das mulheres. E, afóra isso, creio — e a minha crença augmenta de dia para dia — que a fé christã é necessaria á realisação da felicidade n'este mundo».

A FONTE DOS AMORES

IV

A LA FUENTE DE LAS LAGRIMAS

A la ex.ma señora D. Maria da Concepcion Pereira da Silva

¡Una idea, pensamiento!
¡Alma triste, una ilusion!
Y llevadme por el viento
Con rapido movimiento
A la celeste mansion.

El huracan de la vida
Por mi frente dolorida
Zumba com horrido afan!
Para una idea querida
Nunca falta un huracan...

«De muita ou de pouca, não me importa! Dar-te-hei o que me pedires.»

D. Leonor estendeu a mão para a especie de portada romana que se erguia solitaria no meio do terreiro deserto:

«É alli que tu me darás o preço do meu corpo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo do teu jugo real.»

El-rei lançou um rapido volver d'olhos para onde Leonor Telles tinha o braço estendido, mas recuou horrorisado. O vulto que negrejava no meio do terreiro, era o patibulo popular e peão: era a forca, tetrica, temerosa, maldicta!

«Leonor, Leonor! — disse el rei com som de voz cavo e debil — porque vens misturar pensamentos de sangue com pensamentos d'amor? Porque interpões um instrumento de morte e de affrónta entre mim e ti? Porque preferes o fructo do cadafalso ás villas e castellos de que te faço senhora? Porque trocas a estola do clerigo que ha-de unir-nos pelo baraço aspero do algoz?»

«Rei de Portugal! — respondeu a mulher de João Lourenço da Cunha, com um brado de furor — ainda me perguntas porque o faço? Tu nunca serás digno do sceptro de teu pae! Queres saber porque ajuncto pensamentos de sangue a pensamentos d'amor? É porque esses de quem eu o peço pediram tambem o meu sangue. Queres saber porque interponho entre mim e ti um instrumento de morte e de affronta? É porque o teu bom povo de Lisboa quiz tambem interpôr entre nós a morte e saciar-me de affrontas. Queres que te diga porque prefiro o fructo do cadafalso ás villas e castellos que me offereces? É porque para os animos generosos não ha vender vinganças por ouro. Vingança, rei de Portugul, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os teus vassallos que me perseguem serão tambem perseguidos, e que essa vil plebe que cobre de injurias e pragas o meu nome porque te amo, o amaldiçoem porque levo os seus caudilhos ao patibulo. Este é o preço do meu corpo. Sem esse preço, a neta de D. Ordonho de Leão nunca será mulher de D. Fernando de Portugal »

E com um braço estendido para o logar sem nome do supplicio e com o outro curvado, como quem affastava de si el-rei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

«Tens razão, Leonor — disse por fim D. Fernando, depois de largo silencio, em que os affectos inconstantes do seu caracter voluvel mudaram gradualmente. — Tens razão. A futura rainha de Portugal terá o seu desaggravo: as linguas que te offenderam calar-se-hão para sempre: os corações que te desejaram a morte deixarão de bater. No meu throno, ate aqui de mansidão e bondade, assentar-se-ha a crueza. Com Judas o traidor seja eu sepultado no inferno, se faltar ao juramento que te faço de lavar em sangue a tua e a minha injuria.»

A estas palavras, o aspecto severo de Leonor Telles mudou-se em um sorrir de inexplicavel doçura.

«Ah, como te hei-de amar sempre!» — murmurou ella. E estas palavras caíam dos seus labios meigos e suaves, como o arrulhar de pomba amorosa.

Um beijo ardente, que sussurrou levado nas azas da brisa fresca da noite, assellou esse pacto de odio e de exterminio.

ALEXANDRE HERCULANO.

¡Ilusiones, ay! ya han muerto
Sobre este pecho vacio...
Solo queda en el disierto
De su concavo sombrio
Un corazon quasi yerto.

Corazon que sin cariño
Y enfermo para adorar
Solo puede conservar
Algun recuerdo de niño
Y un harpa para cantar.

Cantar! y a quién? A las flores?
Qué ha de cantar á la flor
Quien no ve en ella colores;
Quien ha perdido el amor
De la flor de sus amores?

Clara luz del mediodia,
Angélica melodía
De una alta lira inspirada,
Lanzad en mi frente helada
Un piélago de poesia!

Dadme á conocer la lira
Que tiernamente se inspira
Cantando el amor de Inés,
Poeta por quien respira
Un amor, *que ya no es* —

Aqui fué — dice una fuente
Á cuya limpia corriente
Lagrimas le dieron ser,
Mostrando asi tristemente
El amor y el padecer.

Del alba á los resplandores
Un cedro les presta paso,
Y entre las dormidas flores
Una voz que se oye acaso
Canta *lágrimas y amores.*

Lágrimas y amores! — si. —
El amor es un desvelo,
Que nos eleva hasta el cielo,
Y las lagrimas aqui
Prestan al amor consuelo.

A la sombra de ese cedro,
Lloraste de amor, Inés, —
Ay! no temas, que a tus piés
Viene a rendirse D. Pedro
Con su cetro portugués.

Qué importa el dolor interno
De esta vida transitoria,
Se hizo Dios, por tu memoria,
Á tu verdugo un infierno,
Para tu amor una gloria?

Todos cantan tus amores,
El guerrero in sus empresas,
Las damas en sus loores,
Y aun los pobres pescadores
De las prayas portuguesas.

Camões, que amaba y sufria,
Cantó y se llevó la palma,
Mostrando en su melodia,
Que si tu le distes alma,
El te regaló poesia.

Mas yo, pobre pasagero,
Y en esta terra estrangero,
Qué puedo darle á tu amor?...
Un recuerdo de dolor
En mi suspiro prostrero!

Coimbra, 16 de Enero de 1850. D. Luis Rivera.

Pela transcripção, Sousa Viterbo.

CARACTERES FEMININOS

A NERVOSA

Reconhece-se facilmente a mulher nervosa pela sua maneira de andar, a passos curtos e rapidos, semelhantes aos pequenos saltos de um passaro. Tem a côr amarella, o nariz aquilino e afilado na ponta, os labios finos, apertados e dirigidos para baixo. A sua calligraphia é ponteaguda, muito inclinada e cheia de arabescos.

A nervosa vive mais intellectualmente do que physicamente. Os seus defeitos e as suas qualidades são sobretudo de origem psychica. O ciume e a inveja são os seus grandes peccados, e é preciso evitar com cuidado as suas coleras seguidas de grandes rancores. O prazer, para a mulher nervosa, deriva sempre da ideia; por isso a leitura e as combinações sem fim occupam uma grande parte na sua existencia. Nas horas de ocio aprecia ou cultiva a arte em todas as suas fórmas.

As suas affeições são sempre platonicas antes de tudo, e são raras as que se tornam objecto de uma realisação. O exito de uma affeição depende do tacto e da discrição empregados pelo namorado.

A nervosa é desordenada, timida, perdendo-se sempre nos pormenores e conseguindo muito difficilmente governar bem a sua casa.

Em uma tal natureza, a memoria, muito desenvolvida, tende principalmente para fixar os pormenores. A intelligencia é viva, e a assimilação muito rapida; d'ahi as grandes obscuridades na realisação. A vontade mal se manifesta, e manifesta-se pelo mau humor. Predomina n'ella a imaginação. A sensibilidade é desenvolvida até ao paroxismo; mas com um ponto de partida intellectual.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A COR DO VESTUARIO

Qual é a mulher que, ao escolher fazenda para uma *toilette*, não pergunta a si mesma: — Que côr me convirá mais?

Antes de tomar uma decisão, convem consultar o espelho, porque só nos elle dirá francamente se somos trigueiros ou louros, se temos o cabello castanho ou o cabello escuro.

Ás creanças e ás meninas pertencem as côres claras, os azues mais suaves e a côr de rosa, que se harmonisam perfeitamente com a phisionomia fresca e esperta.

Ás senhoras ainda moças e trigueiras vão melhor as côres escuras, como o castanho, a côr de violeta, o *grenat*, o amarello; a opposição d'estas côres com o tom mate da pelle dá mais alvura e mais brilho.

Ás louras ficam bem as côres claras, o branco, o *crême*, o azul torqueza, a côr de rosa, etc., etc.

Se a côr de rosa clara, o azul celeste, o violeta pallido sympathisam harmoniosamente com o branco, o mesmo não succede na união do azul com o *grenat* ou nas côres claras com o preto.

Ao preto e ás côres escuras dizem bem o branco, o amarello, a violeta, a malva, o verde escuro, a cereja e o castanho.

É preciso attender na reunião dos tecidos entre si ao effeito physico produzido pelas côres que estão juntas.

A côr fundamental d'um tecido soffrerá uma ligeira modificação se, por exemplo, se adornar um vestido verde com guarnições amarellas: o verde ficará um pouco azul, e o amarello tomará um tom avermelhado. O mesmo effeito se produzirá collocando um tecido azul junto com um tecido vermelho: o primeiro tornar-se-ha esverdeado, e o vermelho tomará um tom amarello. O amarello, junto ao azul, fica alaranjado; o azul, côr de violeta.

Para os vestidos de baile devem adoptar-se as côres claras, cujo reflexo seja amarello de preferencia a verde; esta côr reflete os raios da luz artificial em logar de os absorver, emquanto que o azul claro, o verde, a violeta etc., etc., apoderando-se dos raios luminosos, se tornam baços e sem brilho.

Ás pessoas de baixa estatura conveem as côres escuras; por um effeito d'optica, parecerão mais magras. Gostam dos tecidos raiados? Escolham aquelles, cujas riscas sejam no sentido vertical; contribuirão

a fazel-as parecer mais altas. Os desenhos em xadrez e as riscas horisontaes fazem parecer as pessoas mais gordas e mais baixas.

As pessoas altas e magras adoptarão o contrario. Devem preferir os tecidos claros, com disposições horisontaes: xadrezes, escocezas, desenhos de grandes ramagens, que dão mais amplidão.

Se a côr do vestido tem um papel importante com relação á côr da pelle, a escolha d'um tecido bem apropriado não é menos util: vem corrigir certos defeitos physicos, com que a natureza houve por mal distinguir alguns mortaes.

Se a mocidade, cujo calor vital se desenvolve com generosidade, se accommoda com vestuarios leves, é porque n'ella existe uma superabundancia de calor; emquanto que a edade madura, pelo contrario, carece de procurar nos tecidos espessos, quentes e macios, como a lã e a seda, preciosos auxiliares que auxiliem a transpiração a fim de manter á superficie do corpo esse calor vital, preservando ao mesmo tempo da humidade e do ar exterior.

Anniversarios da semana

Domingo 3 — As sr.as: Viscondessa de Rio Secco, D. Maria do Carmo Pinheiro da Fonseca (Arneiros), D. Maria José d'Ornellas Cysneiros, D. Emilia Malheiros Dias, D. Maria Thereza Ferreira Pinto Canavarro, D. Candida Guilhermina Pinto Pereira de Andrade Salgado de Eça Jordão.

E os srs.: Visconde de Riba Tamega, D. Jorge Francisco Machado Castello Branco (Figueira), D. Francisco de Sousa (Rio Pardo), Conselheiro Adriano Augusto de Pina Vidal, Luiz Antonio Martins, Eduardo Augusto Balsemão.

Segunda-feira 4 — As sr.as: Viscondessa de Bovieiro, D. Maria Guadelupe Basto Neves (Louredo), D. Maria Augusta Ottolini da Veiga Portocarrero, D. Maria Clotilde da Costa Pereira de Penaguião, D. Rita José d'Andrade e Castro.

E os srs.: Visconde de Bouça, Conselheiro João Read da Costa Cabral, João Carlos de Chaby, Antonio de Mello Garcez Pusich Almeida.

Terça-feira 5 — As sr.as: D. Henriqueta Lobo da Silveira (Alvito), D. Palmira d'Araujo (Barcellinhos), D. Joanna Augusta Infante da Camara e Carvalho Lobato Pires, D. Marianna Portocarrero da Camara Cabral, D. Sophia Adelaide Canavarro Valladares (Ribeira da Pena).

E os srs.: Conde d'Itacolumi, Dr. Antonio Guedes de Carvalho e Menezes, Joaquim Julio d'Oliveira Barbosa.

Quarta-feira 6 — As sr.as: Condessa de Penha Longa, Condessa de Santa Luzia, D. Maria Benedicta Pereira Palha Faria Guião Alte Espargosa (Andaluz), D. Guilhermina de Pina Manique Caupers, D. Maria Brandão Palha, D. Maria Christina Avellar.

E os srs.: Conde de Macedo, Dr. José Leite Monteiro, D. Belizardo Telles da Silveira Menezes, Francisco de Paula Botelho.

Quinta-feira 7 — As sr.as: Condessa de Lumiares, Baroneza d'Almeida, D. Maria Julia de Sousa Mattos (Almeirim), D. Helena Ferreira Pinto Basto, D. Ermelinda Julia Pereira de Carvalho.

E os srs.: Sebastião Gil Heredia (Ribeira Brava), Antonio Pereira da Costa e Silva, Theotonio Patricio Alvares.

Sexta-feira 8 — As sr.as: Condessa da Silva Sanches, D. Marianna Carolina da Silva e Matta (Abrigada), D. Joaquina Candida Vieira de Mendonça (Abrigada), D. Maria da Natividade Cabral, D. Maria da Natividade O'Neill de Groot Pombo.

E os srs.: Bento de Barros Rego Ruxtaben (Torre das Donas), Guilherme Gomes Coelho, Constantino Pereira Palha Blanco, Thomaz Joaquim Dias, Humberto Borges de Castro, João dos Santos Silva, João Theodoro de Oliveira.

Sabbado 9 — As sr.as: D. Maria Magdalena Paes de Sande Salema Guimarães Benalcanfôr, D. Clementina de Castro Cabral, D. Marianna Angelica da Cunha Rego, D. Philomena Basto.

E os srs.: Barão do Mogadouro, Osborne Jacques de Sampaio, José Borges de Castro, Nuno Faria Gouveia Zagallo.

EPHEMERIDES SEMANAES

26 — Reunião no ministerio da guerra, da junta chamada de *moralidade.*

27 — Inauguração com a assistencia de Suas Magestades El-Rei, Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia, do cabo submarino para os Açores. Assistem tambem ao acto o ministerio, deputados açorianos, imprensa, etc.

28 — O tribunal de verificação de poderes adia o julgamento do processo relativo á eleição supplementar da Villa do Conde.

— Cahe grande cyclone sobre as ilhas do Fayal e Pico, nos Açores, devastando os campos, destruindo casas, obstruindo portos e causando naufragios e mortes.

29 — O *Diario* publíca o decreto approvando o regulamento para o fabríco de bebidas alcoolicas em Moçambique.

— Partida do sr. conselheiro Bernardino Machado para a Figueira da Foz.

— Manifestação nas ruas da cidade, dos operarios sem trabalho. São presos por disturbios 13 dos manifestantes.

— Partida de El-Rei para Villa Viçosa.

30 — Publicação na folha official da reforma da policia de Lisboa.

— A direcção da Associação Commercial de Lisboa resolve significar ao governo ácerca da lei do sello sobre as cartas de jogar.

— Partida do ministro das obras publicas da Figueira para Aveiro.

31 — Reunião da commissão da Associação Commercial de Lisboa, destinada a estudar os melhoramentos a fazer nas obras do porto de Lisboa

1 — Reassume as suas funcções de director geral dos correios e telegraphos o sr. conselheiro Guilhermino de Barros.

— Reunião da imprensa nas salas do jornal as *Novidades,* a fim de soccorrer as victimas do cyclone que cahiu sobre os Açores.

— A policia assalta as casas do jogo de Lisboa.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Colyseu dos Recreios

Um espectaculo de circo n'esta estação constitue um verdadeiro regabofe para o habitante da capital. Foi o que succedeu ha dias, quando nas esquinas appareceram os cartazes annunciando no Colyseu dos Recreios uma funcção variada, constituida de trabalhos acrobaticos, feira de Sevilha e corrida de quatro garraios por quatro jovens bandarilheiros e picadores.

Encheu-se a casa, como era de esperar. E, apesar de inspirarem pouco interesse os trabalhos gymnasticos e acrobaticos, o publico assistiu a elles com benevolencia, applaudindo os artistas.

A feira de Sevilha, com todos os episodios já conhecidos de *camareras*, estudantes tocando guitarra, inglez viajante e grutesco, soldado de *guardia civil*, bailados sevilhanos e *jaleo*, tambem foi devidamente apreciada. O *clou* da festa, porém, era a corrida dos novilhos. Apenas entrou na praça a quadrilha, com picadores á frente, os espectadores animaram-se e desataram a berrar como n'uma verdadeira praça de touros. Os garraios cumpriram — como se diz em linguagem tauromachica. Correram contra os cavallos, derrubando-os por diversas vezes, correram contra os jovens bandarilheiros, correram contra a barreira, e, por fim, ouvido o signal do cornetim, correram com toda a boa vontade e com todo o pé, para dentro da gaiolla, em que haviam sido transportados. Não faltaram as peripecias do costume: a quéda e o trambulhão.

*

Praça de touros

Hoje, corrida na Praça do Campo Pequeno, á tarde. Bons nomes de bandarilheiros, e annuncio de bom curro.

Spectator.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1